

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROFESSOR ALEXANDRE ALVES OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

RENY LOPES MACHADO

**FAMÍLIA E ESCOLA UMA RELAÇÃO DE PARCERIA NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO**

PARNAÍBA - PI
2009

RENY LOPES MACHADO

**FAMÍLIA E ESCOLA UMA RELAÇÃO DE PARCERIA NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí – UESPI/2009, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Antonio Marcos Silva Costa.

**PARNAÍBA - PI
2009**

RENY LOPES MACHADO

**FAMÍLIA E ESCOLA UMA RELAÇÃO DE PARCERIA NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO**

Aprovado em: Parnaíba – PI, 09 de julho de 2009

BANCA EXAMINADORA

Orientador

1º Examinador

2º Examinador

**PARNAIBA - PI
2009**

À minha mãe Nonata e ao meu pai Giberno,
que me deu a vida com amor; aos meus
irmãos e amigos que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e perseverança para terminar este trabalho Aos meus pais Giberno e Nonata; pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas. Em especial, minhas amigas Claudiane, Luzirene, Mayane e Simone pelo mútuo aprendizado de vida, durante nossa convivência, no campo educacional e particular. Amigas gratidão eterna! A todos os professores do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, que colaboraram direta ou indiretamente com este estudo em especial ao professor Alcione Amorim e Antonio. Marcos, que estiveram sempre disponíveis e buscaram ao Maximo auxiliar nesta tarefa.

“A unidade familiar desempenha um papel crítico em nossa sociedade e no treinamento da geração por vir.”

Sandra Day O. Connor

RESUMO

Este trabalho de pesquisa foi elaborado por se acreditar na família e que a sua estrutura é o ambiente em que o aluno está inserido, possa ser um dos fatores que compromete a atenção e o desenvolvimento do processo de aprendizagem/ Levando-se em conta a estrutura familiar, social e as relações estabelecidas entre si e o meio e a forma com que estas relações são feitas, o fator emocional deve ser analisado. Necessário se faz demonstrar o que o aluno que convive com turbulência no dia-a-dia do seu lar, tem potencial cognitivo e social para a aprendizagem e, no entanto percebe-se que o seu pensamento está intimamente ligado ao ambiente familiar e as suas emoções o impossibilita dispensar atenção ao conteúdo e a fala do professor. A família é sem dúvida, uma comunidade de vida, de amor, de acolhimento e os valores adquiridos em casa terão reflexos em todas as instâncias da sociedade e em particular na escola. Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo avaliar as contribuições da família e da escola para o desenvolvimento da aprendizagem do educando, utilizando a aplicação de questionários como forma de embasamento da pesquisa.

Palavras-Chaves: Estrutura. Aprendizagem. Amor.

ABSTRACT

This research work was prepared by the belief in the family and its structure and environment in which the student is inserted, might be one of the factors that undermines the attention and the development of the learning process. Taking into account the family structure, social and the relations established between them and the means and manner in which these relations are made, the emotional factor to be considered. Is necessary to demonstrate what the student who lives with turbulence from day to day from home, has the potential for social and cognitive learning, and yet we find that your thinking is closely related to the environment family and their emotions impossible to dispense attention to the content and speaks of the teacher. The family is undoubtedly a community of life, love, the host and values acquired at home will have repercussions at all levels of society and particularly in the school.

Keywords: Structure. Learning. Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
1. CONTEXTO FAMILIAR	11
1.1. O que é Família	11
1.2. Famílias Alternativas	14
1.3. Contexto Familiar e aprendizado emocional	15
1.4. Fatores Emocionais	15
1.5. Influências parentais no desenvolvimento da criança	18
CAPÍTULO II	
2. O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	26
2.1. Desenvolvimento psicológico da criança	26
2.2. As comparações	26
2.3. A inteligência	27
2.4. Como a criança aprende	27
2.5. O emocional	28
CAPÍTULO III	
3. FAMÍLIA E EDUCAÇÃO	30
3.1. O Papel da Família na Educação dos filhos	30
3.2. Família e formação da personalidade	33
3.3. A importância da parceria Família e Escola	34
CAPÍTULO IV	
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
4.1. Universo da pesquisa	40
4.2. Análise e discussão dos dados	40
4.3. Análise das questões voltadas para os gestores	41
4.4. Análise dos questionários voltados para os pais	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

A aprendizagem pode ser entendida como uma mudança relativamente duradoura no comportamento e esta não advém somente da experiência. Os processos de aprendizagem são influenciados pelo cansaço, motivação, as emoções e a maturação. A família e a cultura desempenham um papel fundamental na aprendizagem, pois elas vão delinear os padrões básicos das reações emocionais e do comportamento da criança e do futuro adulto.

A aprendizagem, portanto, já se verifica antes da criança entrar na escola e ela detém conceitos próprios a respeito do mundo. A criança aprende também com a família, com os meios de comunicação, pessoas do seu convívio e com a escola. Porém, a escola é responsável pela educação formal e sistemática de crianças, jovens e adultos, onde o indivíduo entrará em contato com um sistema de concepções científicas acerca do mundo. Na escola a criança irá aprender de modo diverso daquele a que estava acostumada, ou seja, através da experiência. Neste novo contexto ela aprenderá a partir da organização de situações que irão propiciar o aprimoramento dos processos de pensamento e da capacidade de aprendizagem. Uma das funções mentais necessárias ao aprendizado escolar é a atenção. A atenção é a quantidade de esforço exercido para focalizar certas porções de uma experiência, é a capacidade para manter o foco em uma atividade. O déficit de atenção prejudica o aprendizado e o desempenho escolar.

A falta de atenção pode estar relacionada a fatores emocionais advindos de uma situação familiar desestruturada. Desta forma emoções como ansiedade, medo, agitação, tensão, pânico, apatia, ambivalência, vergonha e culpa, funcionam como um agente que desfocaliza a atenção da criança que deveria estar voltada para a aprendizagem.

Problematizado A questão se complica quando os profissionais da educação se apresentam totalmente alheios e não educados para a realidade atual. Além da falta de domínio dos conteúdos a serem ensinados ou da pedagogia adequada, falta-lhes a capacidade de perceber essas transformações históricas que vem ocorrendo no relacionamento educando x educador, e nas interações que influenciam o aprendizado, como a vida familiar da criança. Falta-lhes conhecimento do desenvolvimento humano e psicológico de seus alunos. E por fim suas práticas pedagógicas são pobres de métodos que propiciem a interação e a construção do conhecimento no respeito mútuo.

Diante disto e, percebendo que a família e escola contribui para o processo de

desenvolvimento da aprendizagem do educando bem como sua relação, é que se pretende observar é quais as reais contribuições da relação família-escola-família para o processo de desenvolvimento da aprendizagem do educando? A pesquisa tem como objetivo geral investigar de que forma a relação família-escola contribui para o processo de ensino aprendizagem do educando e tem como objetivos específicos investigar qual o papel da família no desempenho escolar das crianças; avaliar as contribuições da relação família-escola-família; observar a interação família-escola-família. Com isso foi feita uma pesquisa bibliográfica e também através de coleta de dados a mesma deu-se através da aplicação de questionários voltados para os pais dos alunos e os gestores de dez escolas de Parnaíba.

No primeiro capítulo, tem-se o contexto familiar e a sua contribuição para o desenvolvimento do processo de aprendizagem do educando;

No capítulo dois tem o papel da escola como outro agente que contribui para esse desenvolvimento;

Já no terceiro capítulo tem-se evidenciado a importância da parceria família e escola;

No quarto capítulo, tratará dos procedimentos metodológicos bem como a divulgação dos resultados obtidos.

E por fim, têm-se as considerações finais nas quais se fará um apanhado geral deste trabalho com intuito, não de encerrar o assunto, mas com a intenção de se chegar a um estágio consistente da análise de um tema tão vasto e tão importante como a relação família e escola no processo de desenvolvimento da aprendizagem do educando.

CAPÍTULO I

1. CONTEXTO FAMILIAR

1.1. O que é Família

A história da humanidade, assim como os estudos antropológicos sobre os povos e culturas distantes de nós, (no espaço, e no tempo), esclarece-nos sobre o que é família, como existiu e existe. Mostra-nos como foram e são hoje ainda variadas as formas sob as quais as famílias evoluem, se modificam, assim como são diversas as concepções do significado social dos laços estabelecidos entre os indivíduos de uma sociedade dada.

“Família” no sentido popular, significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção.

Sabe-se o que é uma família já que todos já foram parte integrante de alguma família. É uma entidade por assim dizer óbvia para todos. No entanto, para qualquer pessoa é difícil definir esta palavra e mais exatamente o conceito que a engloba.

A maioria das pessoas, por isso, quando aborda questões familiares, refere-se espontaneamente a uma realidade bem próxima, partindo do conhecimento da própria família, realidade que crêem semelhante para todos, e daí acabam generalizando ao falar das famílias em abstrato.

Os tipos de famílias variam muito, embora a forma mais conhecida e valorizada de nossos dias é a família composta de pai, mãe e filhos, chamada família “nuclear”, “normal”.

Este é o modelo que desde criança se vê em livros escolares, nos filmes, na televisão, mesmo que no seio familiar se verifique um esquema diverso.

As famílias, apesar de todos os seus momentos de crise e evolução, manifestam até hoje uma grande capacidade de sobrevivência e adaptação, uma vez que ela subsiste sob múltiplas formas.

Examinando-se o contexto histórico evidencia-se o fato de não ter ocorrido nenhuma sociedade que tenha vivido à margem de alguma noção de família. De alguma forma de relação institucional entre pessoas do mesmo sangue. Nem mesmo nas

sociedades que tenham novas experiências, como a China com o questionamento da família tradicional, ou Israel com os Kibutzim, onde as mulheres saem para trabalhar e as crianças vivem em comunidades. Nem nessas sociedades desapareceu a noção básica de família. Se generalizando desta forma torna-se difícil definir o que entende-se por “família”, não é difícil indicar o que seria a “não família”.

Entre o indivíduo e o conjunto da sociedade existem vários grupos profissionais de identidade, ideológicos, religiosos, raciais, educacionais, etc. Estes não englobam os indivíduos enquanto indivíduos, em toda a sua história de vida pessoal. Não incluem necessariamente, como na família, os recém-nascidos e os anciãos, o deficiente e o “normal”. São grupos delimitados e temporários, no tempo e no espaço, com objetivos definidos.

A natureza das relações dentro de uma família vai se modificando através do tempo. O aspecto mais problemático da evolução da família está, sem dúvida alguma, ligado ao questionamento da posição das crianças como “propriedade” dos pais e à posição econômica das mulheres dentro da família. Inclui-se aí o questionamento da distribuição dos papéis ditos especificamente masculinos e femininos, e esse é um problema chave para o surgimento de uma nova estrutura social.

Não se poderá mudar a instituição familiar sem que toda a sociedade mude também. Pode-se afirmar ainda que qualquer modificação na organização familiar implicará também uma modificação dos rígidos papéis de esposa, mãe ou prostituta, os únicos atribuídos às mulheres. Quanto às crianças, há algum tempo já o Estado intervém entre os pais e filhos, e desde a pouco os pais são passíveis de denúncias pelos vizinhos, caso punam fisicamente seus filhos.

Através da escola, do controle sobre os meios de comunicação, de médicos e psicólogos, o poder dominante de cada sociedade mais ou menos sutilmente impõe normas educacionais, sendo difícil aos familiares contrariá-las. De uma maneira geral, cabe ainda aos pais grande parcela de poder de decisão sobre seus filhos menores. Parcela essa cada vez mais contestada. A esse poder equivalem, por parte dos filhos, direitos legais em relação aos seus pais, em particular no sistema capitalista. Direitos à assistência, educação, manutenção e participação em seus bens e proventos.

Cada família varia a sua composição durante sua trajetória vital e diversos tipos de família podem coexistir numa mesma época e local. Por exemplo: casais que viveram numa família extensa, com mais de duas gerações dentro de casa, tornaram-se nucleares pela morte dos membros mais velhos e, quando os filhos saem de casa, voltam a viver

como uma família conjugal (somente um casal). Paralelamente, podem existir famílias naturais em virtude de fatores diversos, isto é, mulheres que não quiseram ou não puderam viver com um homem do qual tiveram um filho. Ainda neste caso, a história individual pode levar essa mulher a casar-se num outro momento e compor uma família nuclear.

Uma mãe com filhos sem designação de um pai não constitui uma “família”, mas sim uma “família natural”, ou “incompleta”, na classificação de sociólogos e demógrafos.

Há ainda os fatores culturais que determinam o predomínio de um tipo de família nuclear, como é o caso hoje em dia, por ser esse o modelo veiculado por determinada cultura, coexistindo com várias famílias que por fatores sócio-econômicos apresentam grande variedade em sua estrutura.

A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado.

A família como toda instituição social, apresenta aspectos positivos, enquanto núcleo afetivo, de apoio e solidariedade. Mas apresenta, ao lado destes, aspectos negativos, como a imposição normativa através de leis, usos e costumes, que implicam formas e finalidades rígidas. Torna-se, muitas vezes, elemento de coação social, geradora de conflitos e ambigüidades.

É freqüente ter-se melhores relações com pessoas de fora do círculo familiar, em virtude dos contatos diários com estes, mais do que com os parentes, aos quais se reservam telefonemas ou visitas esporádicas ou formais. A relação familiar, neste contexto, se mantém, mas seu conteúdo afetivo se empobrece.

Assim, uma divergência em relação à escolha de um cônjuge pode afastar por longos períodos membros muito unidos de um grupo familiar, o que não os impede de estar presentes na memória histórica dos componentes aliados ou opostos a suas atitudes, ou de se encontrarem todos em reuniões comemorativas, eventos familiares, etc. Os critérios “lealdade” para com a família de origem ou a de reprodução muitas vezes são também conflitantes.

Como dizem os termos, família de origem é aquela de nossos pais, família de reprodução é aquela formada pela união de um indivíduo com outro adulto e os filhos dela decorrentes.

uma necessidade pela primeira vez quando tenta apagar a sua fome. O bebê espera que todos os seus desejos sejam satisfeitos. Para Melanie Klein o bebê adquire o conhecimento de sua dependência quando percebe que nem todos os seus desejos podem ser satisfeitos. A dependência é perigosa, pois a partir do seu reconhecimento aparece a possibilidade de privação.

Todos os seres humanos passam por esta experiência de privação, o reconhecimento da não-existência de algo, de uma perda essencial. A experiência de privação acarreta um conhecimento do amor (sob a forma de desejo) e um reconhecimento da dependência (sob a forma de necessidade), ao mesmo tempo em que ligados a sentimentos e sensações incontroláveis de dor e ameaça de destruição interna e externa. O mundo do bebê está fora de controle; uma greve ou um terremoto ocorreram nesse mundo, porque ela ama e deseja, e esse amor pode trazer consigo sofrimento e devastação. E, no entanto, ele é incapaz de controlar ou de erradicar o seu desejo ou o seu ódio, ou ainda os seus esforços no sentido de apreender e conquistar, e a crise em seu conjunto destroem o seu bem-estar. A reação imediata a esse penoso estado de coisas é que ele tenta reconquistar, e, portanto também preservar, algo da bem-aventurada segurança de que desfrutava antes que sentisse a falta e que impulsos de destruição surgissem. Assim se desenvolve em nós a profunda necessidade de segurança e proteção contra esses tremendos riscos e intoleráveis experiências de privação, insegurança e agressão, internos e externos.

Sentimentos manifestados por adultos, tais como, ódio, agressividade, inveja, ciúme e a voracidade, são todos derivativos dessa experiência original como da necessidade de superá-la, para que sobrevivam e possam retirar da vida algum prazer. Isto significa que, por mais totalmente agressivas e odiosas que tais emoções se possam apresentar na vida adulta, elas são de fato até certo ponto modificações e ajustamentos inconscientes de formas ainda mais simples e rudimentares desses sentimentos.

Uma boa relação humana entre a criança e a mãe na época em que conflitos básicos envolvendo o binômio gratificação-privação ocorrem são fundamentais para o desenvolvimento sadio do indivíduo. Quando a perda do objeto bom, no caso o seio bom quando do desmame, é atenuada e reduz o medo da punição a criança consegue manter a confiança no objeto bom internalizado dentro de si. Apesar da frustração ela conseguirá, no futuro, ter uma boa relação com a mãe estabelecendo relações prazerosas com outras figuras além do círculo familiar, obtendo satisfações que substituirão aquela que é tão importante, que está na eminência de perder quando do desmame.

A vida emocional do indivíduo sofre a influência das suas experiências infantis

mais primitivas. Os sentimentos e as fantasias infantis marcam a mente da criança permanecendo armazenadas no inconsciente do indivíduo adulto.

Outro ponto importante para reflexão é o que concerne ao sentimento de dependência do organismo humano em relação ao meio. A dependência é encarada como perigosa por acarretar a possibilidade de privação. Pode surgir um desejo de auto-suficiência individual exacerbado levando o indivíduo à ilusão de uma liberdade independente como um prazer por si mesma. O indivíduo renuncia a nutrição emocional de um relacionamento total por temer o reconhecimento de dependência do outro (necessidade) e a consciência do amor (sob a forma de desejo), ligados a esses sentimentos o indivíduo experimentará também as sensações incontroláveis de dor e de ameaça de destruição vindos de dentro e de fora. A satisfação das nossas necessidades de autopreservação e a gratificação do nosso desejo de amor estão sempre ligadas entre si, pois ambas derivam originalmente da mesma fonte. Quem nos fornecia segurança era, antes de mais nada, a nossa mãe, que não só aplacava nossas ânsias de fome, mas também satisfazia nossas carências emocionais e aliviava a ansiedade. A segurança obtida com a satisfação das nossas necessidades básicas, portanto, está ligada as seguranças emocionais, e ambas se tornam ainda mais importantes como contraposição ao medo arcaico de perder a mãe amada. Ter o nosso sustento garantido, na mente inconsciente, também implica a garantia de não sermos privados de amor e de não perdermos a mãe.

Aquilo que a pessoa é depende do ponto que atingiu em seu desenvolvimento emocional, ou da extensão das oportunidades que obteve na época do crescimento relacionado aos estágios iniciais da relação.

Cada pessoa tem um self educado ou socializado, e também um self pessoal privado, que só aparece na intimidade. Isso é comum e pode ser considerado normal. Essa divisão do self é uma aquisição saudável do crescimento pessoal; na doença, a divisão é uma questão de cisão na mente, que pode chegar a variar em profundidade; a mais profunda é chamada esquizofrenia.

A destrutividade compulsiva que pode aparecer em qualquer lugar, mas que é um problema especial na adolescência e uma característica comum da tendência anti-social. Ainda que a destrutividade seja compulsiva, é mais honesta do que a construtividade não alicerçada no sentimento de culpa, que surge da aceitação dos impulsos destrutivos dirigidos ao objeto sentido como bom.

A mãe capacita o filho a encontrar objetos de modo criativo. Ela o inicia no uso criativo do mundo. Quando isso falha, a criança perde contato com os objetos, perde a

capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente. No momento de esperança, a criança alcança o objeto - por exemplo, o rouba. É um ato compulsivo e a criança não sabe por que age assim. Muitas vezes, a criança se sente louca por ter tido uma compulsão de fazer algo, sem saber por quê.

Um distúrbio que não tenha causa física e que seja, em consequência, psicológico, representa um obstáculo no desenvolvimento emocional do indivíduo, ou seja, um distúrbio psicológico significa imaturidade, imaturidade do crescimento emocional do indivíduo, e esse crescimento inclui a evolução da capacidade do indivíduo de se relacionar com pessoas e com o ambiente de modo geral e de desenvolver suas potencialidades cognitivas, o que afeta diretamente o processo de aprendizagem.

Em pessoas normais, a camada entre o consciente e o inconsciente é preenchida por aspirações culturais. A vida cultural de um delinqüente, por exemplo, é notoriamente escassa, pois para ele não há liberdade, exceto na fuga para o sonho não-lembrado, ou para a realidade. Qualquer tentativa de explorar a área intermediária não conduz nem à arte nem tampouco a religião ou ao brincar, mas neste caso, ao comportamento anti-social compulsivo. Para o indivíduo, tal comportamento é inerentemente não-compensador; para a sociedade, danoso.

Bons pais criam um lar e mantêm-se juntos, provendo então uma razão básica de cuidados à criança e mantendo, portanto um contexto em que cada criança encontra gradualmente a si mesma (seu self) e ao mundo, e uma relação operativa entre ela e o mundo.

Ao se lançar um olhar para a sociedade em termos da doença e considerar o fato de que seus membros doentes, de um modo ou de outro, exigem atenção; podemos observar como a sociedade se torna colorida pelos agrupamentos de doenças que começam nos indivíduos; ou ainda, podemos examinar o modo pelo qual as famílias e as unidades sociais podem produzir indivíduos psiquiatricamente saudáveis, exceto quando elas, justamente as unidades a que eles pertencem, num certo momento os distorcem ou tornam incapazes.

Não é possível olhar de modo proveitoso para o estado clínico de um ser humano num único momento. É muito mais vantajoso estudar o desenvolvimento desse indivíduo em sua relação com o meio, e isso inclui um estudo da provisão ambiental e de seu efeito no desenvolvimento do indivíduo.

Pode-se examinar o estabelecimento de relações objetais do mesmo modo que a coexistência psicossomática e o tema mais amplo de integração. O processo maturacional

impulsiona o bebê a relacionar-se com objetos; no entanto, isso só pode ocorrer efetivamente quando o mundo é apresentado ao bebê de modo satisfatório. A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da experiência de onipotência, que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade.

Os problemas do déficit de atenção como dificultador da aprendizagem pode ser visto como a consequência de um leque de situações vividas em família; pais inseguros quanto a colocar ou não, limites; relacionamentos tensos entre mãe e pai, excesso de zelo para reparar a culpa por ter que deixar a criança privada do contato com os pais que trabalham fora, crianças que passam a maior parte do tempo em frente da TV ou na rua com outras crianças, sofrendo todo tipo de influências prejudiciais à sua educação, pais autoritários ou muito liberais, falta de diálogo e bom exemplo no seio familiar, desconhecimento da importância dos relacionamentos dos primeiros anos de vida como base da formação da personalidade por parte dos pais. São estas crianças com histórias de vida, as mais variadas possíveis, que chegam a uma escola e encontram ali normas rígidas ou ausência de normas. Professores com uma série de limitações na sua formação humana e acadêmica, que passam a inteirar-se em sala de aula.

Percebe-se que mesmo buscando explicações diversas para a questão um ponto vem se tornando comum para todos: a relação que a mãe tem com a criança nos primeiros meses e anos de vida, segundo a Psicologia das relações objetivas de Melanie Klein, base e fundamento sobre o qual se constituirão todos os traços da personalidade, da vida psíquica e afetiva do indivíduo que se manifestarão no decorrer de toda sua infância, adolescência, juventude e vida adulta, influenciando suas relações com o meio. Pois, a capacidade essencial de “dar e receber” desenvolveu-se no indivíduo de uma forma que assegura o seu próprio desenvolvimento, e contribui para o prazer, o bem estar ou a felicidade de outras pessoas.

O indivíduo age com relação a certas pessoas como seus pais se comportaram para com ele. Caso essas figuras parentais, que são preservadas em nossos sentimentos e em nossas mentes inconscientes, forem predominantemente rígidas, não poderemos estar em paz com nós mesmos. Odiamos em nós as figuras rígidas e intolerantes que também formam parte de nosso mundo interno, e que são em grande parte o resultado de nossa agressividade para com os nossos pais.

Citando Melanie Klein em seu livro “Amor, ódio e reparação”, pode-se concluir que:

Um bom relacionamento para com nós mesmos é condição para demonstrar amor, tolerância e bom senso para com os outros. Esse bom relacionamento para com nós mesmos decorreu em parte, conforme me esforcei por provar, de uma atitude amigável, afetuosa e compreensiva para com outras pessoas, em particular aquelas que no passado significaram muito para nós, e para com quem nosso relacionamento tornou-se parte de nossa mente e personalidade. Se, no mais profundo de nossos inconscientes, nos houvermos tomado capazes de remover até certo ponto os ressentimentos presentes em nossos sentimentos para com nossos pais, e os tivermos perdoado pelas frustrações que nos vimos obrigados a suportar, então haveremos de nos sentir em paz com nós mesmos e estaremos em condições de amar outras pessoas, no verdadeiro sentido da palavra. (KLEIN, 1975, p. 162)

Quando mãe e pai são suficientemente bons no desempenho dos cuidados maternos e paternos, mantendo uma relação harmoniosa entre si a criança pequena, acolhendo-a com amor e colocando os limites na hora certa estão propiciando um ambiente ideal, pois com o crescimento da percepção da criança fá-la distinguir a mãe e colabora para sua visão de que a mãe que gratifica é também a mãe que frustra. Com isto ela lida com o fato de que sua violência atinge também o objeto que gratifica origem do sentimento de culpa. A culpa deste desenvolve-se um sentimento de cuidado e proteção para com o objeto que chamamos de sentimento de reparação. Então, a possibilidade de lidar com o objeto não mais como objeto parcial, mas como objeto total, desejo de reparação, culpa, tudo isto e muito mais, configuram, uma nova posição mental: é a “posição depressiva” que significa uma perspectiva de integração da mente, melhora no estabelecimento e manutenção das relações de objeto, sentimento emergente e crescente de amor, desenvolvimento de discriminação, base de formação do ego e estruturação de toda a sua personalidade que influenciará em todo o seu comportamento infantil, na adolescência e vida adulta.

Com a predominância dos elementos da posição depressiva, a maturidade chega com mais harmonia e a qualidade de vida do indivíduo é superior porque tem a possibilidade de internalização de um bom objeto, aumento da sensação de bondade e riquezas interiores, a auto-estima é incrementada, capacidade de formar ligações mais fortes e duradouras, desenvolvimento da criatividade e espontaneidade, ser mais otimista e realizador.

A projeção de sentimentos de amor, subjacente no processo de associação da libido ao objeto é uma pré-condição para encontrar um bom objeto. A introjeção de um bom objeto estimula a projeção de bons sentimentos e isso, por sua vez, fortalece, pela reintrojeção, o sentimento de posse de um bom objeto interno. À projeção do eu mau no objeto e no mundo externo corresponde a projeção de boas partes do eu, ou de todo o eu

bom. A reintrojeção do bom objeto e bom eu reduz a ansiedade persecutória. Assim, a relação com o mundo interno e externo melhora simultaneamente, e o ego ganha em vigor e em integração.

Pode se afirmar que, se esses processos forem bem sucedidos, está preenchida uma das precondições para o desenvolvimento normal. A interação da ansiedade e fatores físicos é um aspecto dos complexos processos de desenvolvimento envolvendo todas as emoções e fantasias do bebê, durante o primeiro ano de vida e até certo ponto, isso se aplica à vida toda. E com certeza é fator decisivo na questão da conduta de indisciplina que a criança apresentará no ambiente familiar e escolar.

A agressividade inata tende a ser ativada pelas circunstâncias externas desfavoráveis e, inversamente, é mitigada pelo amor e compreensão que a criança recebe. O seu desenvolvimento e suas reações com o adulto devem ser considerados como resultantes da interação e influências externas e internas, o que aconteceu, durante nossas observações, crianças agressivas e que em suas casas vivem situações de violências, agressividade. O que nos leva a acreditar que esses fatores interferem no comportamento delas.

CAPÍTULO II

2. O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

2.1. Desenvolvimento psicológico da criança

Quando se fala em desenvolvimento certamente se parte das potencialidades. Daquilo que a criança já traz e daquilo que faz para que vá transformando, em habilidades e competências, talentos capazes de lhe proporcionar sucesso e felicidade no futuro. É desejo dos pais que cada filho possa progredir ao máximo, para se tornar um adulto bem-sucedido, e como se sabe o mercado de trabalho da “era global” está terrível em suas exigências. Além disso, há a esperança de que as crianças possam ter bons relacionamentos afetivos e sociais. Desejos e esperanças absolutamente legítimos, desde que não transformem em ansiedade e cobranças desmedidas e sem critério.

2.2. As comparações

De vez em quando se têm notícias de pequenos gênios, crianças muito novas, capazes de cálculos complicados, leitura precoce ou virtuoso em música. Em outras ocasiões, um amiguinho ou primo surpreende demonstrando habilidades bem superiores às observadas pela família em seu próprio filho. Até mesmo entre irmãos, podem ocorrer diferenças significativas. Nesses momentos, alguns pais começam a perguntar: O que mais poderia ser feito para favorecer o seu desenvolvimento. É hora de reduzir as expectativas, é inútil por isso só o tempo resolve.

O mais importante é garantir a boa saúde infantil e proporcionar um ambiente rico e estimulante do ponto de vista intelectual e emocional. Além disso, é fundamental respeitar as características peculiares de cada criança. Claro, se houver questões consistentes quanto às habilidades consideradas “padrão” para cada idade, convém esclarecer suas dúvidas com o pediatra ou a orientadora da escola. Esses profissionais, tendo conhecimento e contato maior com a faixa etária, poderão se for o caso, fazer o encaminhamento para um especialista na área que desperta preocupações.

2.3 A inteligência

Nas últimas décadas, houve um aumento da inteligência. A média do QI (quociente de inteligência), teste tradicional de medição do raciocínio lingüístico, matemático e lógico, das crianças está mais alta. O que confirma algo que já se percebia na prática. É visível que as crianças, hoje, são mais inteligentes do que o passado, capazes de dominar um universo maior de informações e instrumentos e de se adaptar com facilidade a novas situações.

Isso se deve ao chamado efeito multiplicador, pois o mundo atual proporciona um meio muito rico de informações, o que estimula o desenvolvimento da inteligência. Assim, as pessoas que vivem nesses ambientes acabam provocando mudanças significativas nas outras com as quais convivem. Desse modo, a cada geração, o QI aumenta. Pais intelectualmente ativos estimulam seus filhos a serem da mesma forma.

Estudos têm mostrado que o cérebro – um órgão com extraordinária capacidade de adaptação – começa a ser formado na terceira semana de gestação e se desenvolve ao longo da vida. Calcula-se que, no cérebro de um recém-nascido aproximadamente 100 bilhões de neurônios estejam em atividade. O processo de aprimoramento é realizado à medida que a criança cresce, quando são formadas as sinapses, ligações entre os neurônios que funcionam como pontes entre estes e são responsáveis pela rapidez de raciocínio, memória e eficiência na resolução de questões. Os estímulos utilizados para o desenvolvimento dessa rede de sinapses, tornando-a cada vez mais complexas, envolvem jogos, brincadeiras, músicas, esportes e artes, bem como atividades que abranjam leituras variadas, desafios de lógica, cálculo mental, experiências e pesquisas variadas.

2.4. Como a criança aprende

As pesquisas no campo da psicologia cognitiva têm mostrado que as crianças, desde muito pequenas, aprendem sobre desde muito pequenas, aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. Pela interação com o meio físico e social, elas vivenciam experiências e operam num contexto de conceito, valores, idéias, objetos concretos representações sobre os mais diversos temas presentes na sua vida cotidiana.

Desse modo, vão construindo um conjunto de conhecimentos espontâneos sobre o mundo que as cerca, no qual tudo pode chamar sua atenção e despertar sua curiosidade. As crianças se interessam por muitos assuntos: notícias da atualidade, relatos de outros tempos, castelos, heróis, dinossauros, programas de TV. Tudo o que vivenciam faz parte de um universo integrado. Considerar a forma como aprendem é fundamental para que pais e professores possam proporcionar e aproveitar as oportunidades para a aprendizagem, desde a escola de educação infantil até o ensino fundamental.

2.5 O emocional

Entretanto, a presença de afeto e equilíbrio, ao lado dos estímulos para desenvolver a inteligência e a aprendizagem, deve ser ressaltada. Mais do que tudo, palavras de encorajamento e incentivo são poderosas ferramentas. Especialistas afirmam, inclusive, que é mais importante a forma de oferecer o estímulo de que a sua adequação ou sofisticação. Dessa maneira, fica claro que é o desenvolvimento emocional que impulsionam o intelectual. O inverso não ocorre. Assim, crianças confiantes e seguras terão aprendizagem mais eficiente e tranqüila.

O que muitas vezes, confunde os pais é a extrema habilidade das crianças ao operar com o computador ou manusear um videogame. Isto é fato e, embora haja diferenças individuais, elas são competentes nessas habilidades. Até as propagandas têm explorado o traquejo infantil no uso da tecnologia. O encantamento dos adultos diante da familiaridade dos pequenos com as novidades é compreensível. O que deve ser evitada é a ansiedade de estimular, a todo momento, oferecendo cargas enormes de informações.

Até os sete anos as crianças adquirem conhecimento brincando, no convívio com as outras. Precisam, mais do que tudo, de experiências afetivas com as quais irão aprender a se relacionar com o mundo, pessoas e coisas.

Muito se tem falado sobre a importância do desenvolvimento de zero a seis anos, porém o aprendizado formal, do ponto de vista dos conteúdos intelectuais, deve ser iniciado somente por volta de sete anos. É quando já está pronta a estrutura neurológica capaz de operar, de maneira eficiente, com as informações acumuladas. Além disso, cérebros precocemente estimulados, correm o risco de passar por problemas futuros.

As crianças de hoje não amadurecem emocionalmente mais rápido do que as de antigamente. Continuam tendo os temores e as fragilidades de sempre, precisando de

cuidados e limites, da compreensão e, também, da autoridade dos pais. Esse é o ponto em que você deve focar sua atenção. Equilíbrio, afeto e bom-senso são fundamentais para que as crianças possam crescer e desenvolver, ao máximo, suas potencialidades, tornando-se adultos confiantes em si e felizes.

CAPÍTULO III

3. FAMÍLIA E EDUCAÇÃO

3.1. O Papel da Família na Educação dos filhos

“A família é a referência fundamental para a criança. Os pais têm um papel fundamental nos primeiros anos de vida dos filhos. O aprendizado e o desenvolvimento começam bem antes da educação formal. A tarefa de orientar e cuidar da educação dos filhos não pode ficar exclusivamente a cargo de professores a partir da fase pré-escolar. A idéia de princípios, valores, respeito e ética deve vir de casa e começa a ser formada ainda na fase de bebê. A educação formal é um complemento que deve fazer parte da formação do indivíduo. O papel da família também inclui a atenção especial com a educação formal das crianças. Se interessar pelo desempenho do filho na escola bem como com a forma com que se relaciona com as pessoas de seu convívio é uma tarefa importante a ser desempenhada pelos pais; isso ajuda a ter uma percepção mais ampla sobre a formação da criança como pessoa.”

“É preciso que os alunos saibam que há limites”. A expressão tornou-se um lugar-comum entre professores, educadores e pais de jovens e adolescentes. Desconheço a origem desta máxima, entretanto, a julgar pela frequência com que é citada, parece ser uma diretriz muito usada na esfera educacional. Lembro de ter ouvido a frase há anos, da boca de um diretor de uma escola privada, ao comentar a dificuldade que enfrentava para lidar com a bagunça que imperava no colégio que dirigia.

Recentemente uma educadora, autora de livro sobre a adolescência, declarava em entrevista: “os jovens estão sendo mal orientados. Os pais não estabelecem limites para os filhos, que crescem superprotegidos. Sem haver aprendido que existem limites, os adolescentes se sentem livres para fazer o que bem entendem”. O tema dos limites da educação já se popularizou e recentemente a sentença “é preciso que os adolescentes saibam que há limites” foi ao ar em jornal veiculado pela televisão em rede nacional.

A educação está sendo pautada por limites. Estabelecer limites para a ação do jovem é algo assim como dizer: “você é livre e deve administrar a sua liberdade. Não somos nós, pais e educadores, quem deve impor nada a você. A grande conquista

educacional da segunda metade deste século é que você administre a própria liberdade dentro dos limites". Este ponto de vista pressupõe uma correção de rota em relação ao grito que se ouvia em 68: "é proibido proibir". Os jovens que na época repetiam o slogan são hoje os pais que dizem aos seus filhos: "é preciso que vocês saibam que há limites". De fato, sem limites, o comportamento da criança não seria muito distante daquele que mostra o nobel de literatura William Golding em seu romance *As moscas*. Crianças sobrevivem a um acidente aéreo em uma ilha deserta e precisam aprender a relacionar-se para sobreviver. O livro ilustra com requinte até onde pode chegar a crueldade de crianças sem educação ou orientação. Da liberdade ampla, geral e irrestrita houve uma evolução para a tese dos limites. As crianças e jovens devem saber que há limites.

Entretanto, em relação a limites, a curiosidade da criança, a energia vital do jovem e a formação da personalidade do adolescente faz com que se dirijam, até como auto-afirmação, às fronteiras do permitido. Os pais e educadores podem dizer: "se eles não ultrapassarem os limites, estaremos cumprindo a nossa missão, isto é, respeitar a liberdade individual, a capacidade criativa e a iniciativa do jovem dentro de parâmetros de comportamento". De acordo com esta perspectiva, os filhos, os alunos e os orientados estão sendo bem educados quando respeitem os limites. A educação para os limites pode ser comparada à dos presos na Ilha do Diabo, como aparece, por exemplo, no filme *Papillon*. Os adultos tratam os jovens como a presos. Permitem a liberdade de movimento dentro dos limites, advertindo, porém, que não devem ser ultrapassados. O mar é perigoso e o castigo pode ser a própria morte. O perigo, porém, é atraente. Quem não se sente atraído pelo limite? Quem não gosta de chegar perto do precipício para olhar o mar batendo nas rochas? E mais ainda na juventude... Educar para os limites é expor os jovens aos riscos dos limites.

Quais, porém, são os limites que os jovens devem respeitar e os pais e educadores ensinar? O limite da vida é a morte. O limite do trote dos veteranos da Medicina da USP foi à morte de um calouro. O limite de levar a faculdade "no limite" — só para passar — é tirar 4,8 e ser reprovado. O limite para reprovar por faltas depende das escolas, mas é freqüente que alunos universitários sejam reprovados por faltas. O limite das experiências sexuais na adolescência, antes do casamento, são a gravidez e as famosas DST (doenças sexualmente transmissíveis), entre elas a AIDS. Quem vai até o limite pode sofrer as conseqüências de uma gravidez ou paternidade indesejada, ou ainda de uma doença venérea. O limite de usar uma só vez drogas como simples experiência de vida, pode ser o vício, o roubo para alimentar o vício, a prisão por uso ou tráfico de drogas, ou

mesmo a morte por overdose.

Educar para os limites é submeter a graves riscos os jovens e adolescentes. A idéia que está por trás dos limites é que a liberdade é um fim e não um meio. Diz-se: “o jovem é livre, mas não deve ultrapassar o limite”. Falso. O jovem não é mais livre quando faz o que quer dentro de determinadas fronteiras. O jovem exercita melhor a sua liberdade quando escolhe dar o melhor de si, quando aspira a excelência humana, quando aspira a coisas grandes. A liberdade é um meio e não um fim. Um meio para poder fazer coisas maravilhosas ou arruinar-se como pessoa humana. Quando se faz da liberdade um fim o jovem e o não jovem torna-se um escravo da própria liberdade. É livre, mas não sabe o que fazer com a liberdade. Retomando o exemplo da ilha. Não é mais livre o jovem que fica girando em torno dos precipícios sob o risco iminente de cair e bater a cabeça nas rochas ou morrer afogado. É mais livre quem usa a liberdade como um meio para construir coisas na ilha. Quem edifica uma casa para viver, quem se diverte subindo a uma montanha, quem cultiva uma horta que produz frutos. Ou seja, quem tem um projeto de vida atraente, seja no terreno científico, artístico, cultural, esportivo, etc.

A diferença entre educar para a liberdade como fim e como meio está em ter um projeto vital. Cada pessoa é diferente e precisa encontrar seu lugar no mundo. Educar é conduzir para fora o melhor de cada um. A missão do educador é descobrir o que há de melhor em cada pessoa e estimular esse jovem para que cultive seus melhores dons. Isso supõe saber que há um melhor e um pior, ou seja, que há projetos vitais que tornam felizes as pessoas, e modos de vida que escravizam e tornam infelizes os outros. Em qualquer caso, o educador precisa saber mostrar aos jovens quais as melhores aspirações que podem cultivar. A liberdade é um dom que pode frutificar ou perder-se, mas nunca um fim em si.

A educação, por essa razão, não é apenas fixar limites, mas orientar em direção a metas de excelência e objetivos no uso da liberdade. Não é impor ou coagir a liberdade, mas canalizar a liberdade de modo que frutifique em benefício dos outros e da própria pessoa. A criança, o jovem e o adolescente precisam de uma orientação para se tornarem adultos e poder empreender por si a própria vida. É uma arte complexa e delicada. Cada pessoa é diferente. Orientar é ir soltando a linha até que um dia os filhos, os alunos enfrentem o mar sozinhos, por conta própria, com segurança e confiança. Em muitos casos o rumo que os filhos tomam na vida não é responsabilidade dos pais, mas os pais têm obrigação de educar os filhos. A educação que apenas fixa limites não parece ser a melhor receita educativa para o desenvolvimento da personalidade dos filhos. No pólo oposto à idéia de limites, a educação na Grécia clássica tinha um projeto para o jovem e o

adolescente. A educação — Paidéia — grega estimulava a excelência na formação do jovem, para que se desenvolvesse como pessoa e alcançasse a maturidade humana e intelectual.

3.2. Família e formação da personalidade

Ambiente familiar. O ser humano é produto resultante da conjugação de dois fatores básicos: o genético e o ambiental. Deixando de lado os fatores genéticos, podemos afirmar (por experiência científica) que o homem é o produto da sociedade em que vive, a partir do ambiente familiar. Desde o nascimento o ser está no meio inter-relacionado, em cujo ambiente a criança vai domesticando suas potencialidades inatas e progressivamente vai construindo e moldando sua personalidade. São os primeiros relacionamentos (até os seis a sete anos de idade) que conferem progressivamente a autoconsciência, a se orientar na vida e incorporar os costumes, as idéias, os conhecimentos, isto é, o padrão normal da família e da cultura ambiental social. É na família que se opera a comunicação direta do modelo da sociedade onde irá viver. Dai a ênfase dada para a missão da família que como célula da sociedade não pode se furtar de realizá-la e que consiste em três dimensões: 1) ser formadora da pessoa, 2) ser educadora na fé, 3) ser promotora do desenvolvimento. Podemos especificar, ainda mais, essa missão e educação familiar, devendo abranger os quatro níveis ou pilares do ser humano: 1) o físico (biológico), 2) o mental (psicológico: afetivo, emocional), 3) o social (mínimo de bem-estar), 4) o espiritual (moral, ético e religioso). Na verdade esses quatro níveis de cuidados da missão da família são os mesmos pregados pela definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS/1948), que diz: “Saúde é o completo bem-estar físico, mental, social e espiritual e não apenas ausência de doença.” Portanto, esse bem-estar exige um desenvolvimento harmônico da razão, da liberdade e da responsabilidade do ser humano, devendo estar integrados à formação da fé, a fim de que a pessoa alcance maturidade harmônica e integrativa no seu desenvolvimento pessoal. A educação e a formação da personalidade da criança, que é o preparo para a vida, tornam-se sinônimo de socialização. O primeiro lar do ser humano é o ambiente aconchegante do ventre materno. Ao mesmo tempo em que a mãe o expulsa do seu ventre, ela mesma o aconchega ao seu peito generoso e aos seus braços, o alimenta e aquece. Mãe e filho, um e outro se tornam como prolongamentos vivos um do outro. Mãe e filho se interpenetram de tal forma que a imagem da mãe vive no fundo do coração do filho e lhe é

a mais cara de todas, porque reconhece nela a fonte da vida, de sua vida e de sua personalidade.

3.3. A importância da parceria Família e Escola

A família e a escola formam uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Ressalta-se que mesmo tendo objetivos em comum, cada uma deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso, que visa conduzir crianças e jovens a um futuro melhor. O ideal é que família e escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade.

Percebemos atualmente que a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola, pois uma depende da outra para alcançar seu maior objetivo. Objetivo este que é fazer com que o educando / filho aprenda para ter um futuro melhor e assim construir uma sociedade mais justa e digna para se viver. Conforme o Art.53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa.

Tiba afirma que:

A escola necessita saber de que é uma instituição que complementa a família, e que ambos precisam ser um lugar agradável e afetivo para os alunos/filhos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno. (TIBA, 1996, p. 140).

Tal parceria implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas enquanto troca de favores, mas cooperando: supor afetos, permitir escolhas e desejos, para que a criança desenvolva-se integralmente. Se o educando/filho não cumpre as regras da escola porque os pais o acobertam e discordam da escola, a criança aproveita destas divergências conquistando o que desejava. Pensar na parceria família/escola requer então aos professores inicialmente, uma tomada de consciência de que, as reuniões baseadas em

temas teóricos e abstratos, reuniões para chamar a atenção dos pais sobre a lista de problemas dos filhos, sobre suas péssimas notas, reuniões muito extensas, sem planejamento adequado, onde só o professor pode falar, não têm proporcionado sequer a abertura para o iniciar de uma proposta de parceria, pois os pais faltam às reuniões, conversam paralelamente, parecem de fato não se interessar pela vida escolar das crianças. Portanto a construção dessa parceria é função inicial dos professores, pois transferir essa função à família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação, não entendem de psicologia, desconhecem a didática, a sociologia, enfim, os resultados desta postura já se conhece muito bem: o afastamento da família.

As famílias não se encontram preparadas sequer para enfrentar, quanto mais para solucionar os problemas que os educadores de seus filhos lhes entregam e ou transferem nas reuniões de pais.

Como Tiba afirma:

Faz parte do instinto de perpetuação os pais cuidarem dos filhos, mas é a educação que os qualifica como seres civilizados. Atualmente nas escolas e em casa, os pais/educadores não sabem mais como fazer para que as crianças sejam disciplinadas. (TIBA, 2002, p. 67)

Encontramos a resposta desta dificuldade nas próprias gerações, esta geração viveu a questão da disciplina de um modo peculiar e muito sofrido. A geração dos avós educou seus filhos de maneira patriarcal, com autoridade vertical. Devido a isso os pais viveram massacrados pelo autoritarismo. Com a intenção de não repetir o mesmo, estes criaram seus filhos de forma extremamente permissiva, aderindo a horizontalidade. Esta geração é o reflexo disso tudo, inclusive erro do instinto materno de se sentir culpada por ficar fora de casa o dia todo, pois trabalha fora. Se o filho tem problemas de disciplina na escola, a mãe pensa: onde foi que eu errei. A mãe continua transferindo para si toda a responsabilidade de educar seus filhos, e o pai não se sente cobrado da mesma maneira. Desde os primórdios o homem trazia o alimento para sua família e descansava enquanto a mulher preparava a refeição. Hoje ainda percebemos muito disso, por mais que tenhamos evoluído o que ficou registrado no ser humano dificilmente se altera. É necessária uma conscientização muito grande para que todos se sintam envolvidos neste processo de constantemente educar os filhos/educandos. É a sociedade inteira a responsável pela

educação destas crianças, desta nova geração. Percebemos o quanto à mídia também influencia, e pouco lutamos para que isso não aconteça. Apenas temos consciência e nada fazemos. As novelas, propagandas e programas alteram tudo o que é colocado pelos pais. O que mais vemos são cenas de sexo/sexualidade, mentiras, corrupção e, como nada acontece com estas pessoas, tudo se torna muito natural para todos. Parece que a sociedade está viciada em ver assaltos, roubos, homicídios, atropelamentos por imprudência, e tantos outros que não vale aqui ressaltar. Mas, obrigatoriamente, precisamos fazer alguma coisa para mudar isso tudo.

*fontes
p. 74*
 Segundo Tiba (2002, p. 74), “as crianças precisam sentir que pertencem a uma família”. Sabemos que a família é a base para qualquer ser, não referimos aqui somente família de sangue, mas também famílias construídas através de laços de afeto. Família, no sentido mais amplo, é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construir algo e de se complementarem. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada.

Conforme o que Tiba (1996, p. 13) nos diz, “recuperar a autoridade fisiológica não significa ser autoritário, cheio de desmandos, injustiças e inadequações”. O que verificamos atualmente é que um grande número de pais acredita no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para vôos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes. O adolescente que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato (natural do ser imaturo) vai dirigir seu vôo para alturas inadequadas ao tamanho de suas asas, e, com certeza, se desorganizar e se ferir. E a permissividade dos pais será sentida como desinteresse, abandono, desamor, negligência. *A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos.* A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios. Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão reparados através do entendimento, do perdão, tão necessário, e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para sermos cidadãos sociáveis. Conforme o Art. 19

do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.

Sabemos que muito tem sido transferido da família para a escola, funções que eram das famílias: educação sexual, definição política, formação religiosa, caratê, dança, entre outros. Com isso a escola vai abandonando seu foco, e a família perde a função. Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. A escola que funciona como quintal da casa poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio. É na escola que deve se conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc. Deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas.

Acima de tudo, devemos respeitar o que a criança vivenciou, partindo desse pressuposto podemos vê-la de uma forma ou de outra, tanto no âmbito familiar quanto no escolar.

Está surgindo uma nova visão de escola, muito diferente do que tínhamos como entendimento durante anos, que fazer escola é disciplinar, é ensinar a obedecer sem saber exatamente o porquê e engavetar os sonhos e os projetos de crianças e adolescentes cheios de alegria e capazes de produzir conhecimento. Atualmente, as escolas estão buscando desenvolver uma prática de qualidade, mais atentas à formação global e holística, que proporciona às crianças a vivência da criatividade, da ludicidade, da relação escola família, da cooperação, da participação e do exercício da cidadania. A família inserindo-se na escola, indo mais além através de contatos informais, as conversas breves, onde cada escola e cada educador desenham em conjunto com a família, caminhos e alternativas de partilhamento. O propósito é que essa parceria se construa através de uma intervenção planejada e consciente, para que a escola possa criar espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, estabelecendo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições (família-escola).

A necessidade de se estudar a relação família e escola se sustentam e são reafirmadas quando o educador se esmera por considerar o educando, sem perder de vista a globalidade da pessoa, ou seja, compreendendo que quando se ingressa no sistema escolar, não se deixa de ser filho, irmão, amigo etc. (Os pais precisam ter consciência de que servem



como exemplo para seus filhos, portanto sua responsabilidade é redobrada. Segundo Tiba (1996), os filhos usam tudo aquilo que aprendem a seu favor. Se o filho percebe o quanto seus pais discordam e criticam a escola de seu filho, este fará o mesmo e desrespeitará os professores. Isso, por sua vez, irá distanciar ainda mais a família da escola. Os pais devem tentar entender o motivo da escola fazer de determinada maneira, através de diálogos sempre que for necessário. Ainda não inventaram melhor forma de trocar idéias do que o próprio diálogo, pois o olho-no-olho aproxima as pessoas e é mais provável que se chegue num denominador comum.

É uma relação permeada pelos mais diversos fatores: o sofrimento dos pais por afastarem seus filhos de si mesmos; os desejos de que a escola lhes ofereça o melhor, em todos os aspectos; a necessidade da garantia dos melhores cuidados para com as crianças; os ciúmes que sentem os pais ao dividirem os filhos com os professores; o medo do fracasso escolar; as projeções dos próprios fracassos compensados através dos filhos; o pouco interesse pela vida escolar dos filhos; as superexigências dos pais; as atitudes de aceitação ou não dos filhos; as questões de rejeição ou negligência; as dificuldades pessoais dos pais; o contexto sócio-econômico-histórico em que se fundamenta a família; a permissividade ou o autoritarismo; as relações de amor e hostilidade; a violência contra os filhos, ou entre familiares; as atitudes, padrões e valores morais da família; o relacionamento entre casal e filhos; doenças, separação, desemprego; os diferentes modelos de organização familiar, ou seja, está implícito tudo o que determinada família tem em seu histórico. É uma relação que deve ter acima de tudo vínculo, pois através do vínculo família-escola.

A escola, portanto também necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria, para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras. Segundo Grossi (2000, p. 205), “o conhecimento só é conhecimento porque é socializável [...]”, ou seja, só podemos partir de um ponto se o conhecemos. Tanto a família quanto a escola só pode ter um objetivo em comum com determinismo e persistência se souber como o educando / filho está no outro ambiente (familiar/escolar). Caso contrário ambos caminham de forma transversal ou cada

um para um lado; paralelo, mas na contramão.

Como temos no Parágrafo único do Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990): “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”, ou seja, trazer estas famílias no convívio escolar já está prescrito no Estatuto da Criança e do Adolescente e o que falta é concretizá-lo. Devemos pensar no que se espera fazer, pois “pensar é ponderar o que se quer e o que é viável, é avaliar o que se deseja e o realizável, conforme diz Ramos” (2001, p.217).

A necessidade de se construir uma relação entre escola e família, deve ser para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando/filho tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola. Construindo uma parceria dando sustentação no papel da família no desempenho escolar dos filhos e o papel da escola na construção de personalidades autônoma.

A relação escola-família se resume no respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as possibilidades de exporem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista. O objetivo é conscientizar a escola do papel que possui na construção dessa parceria: a intervenção pedagógica a estas questões deve ser no sentido de considerar a necessidade da família vivenciar reflexões que lhes possibilitem a reconstrução da auto-estima, afim de que se sintam primeiramente compreendidos e não acusados, recepcionados e não rejeitados, pela instituição escola, além de que esta última possa fazê-los sentir-se reconhecidos e fortalecidos enquanto parceiros nesta relação. Segundo Tiba (2002, p. 123), “felicidade não é fazer tudo o que se tem vontade, mas ficar feliz com o que se está fazendo”.

Existem diversas contribuições que tanto a família quanto a escola podem oferecer, propiciando o desenvolvimento pleno respectivamente dos seus filhos e dos seus alunos. Alguns critérios devem ser considerados como prioridade para ambas as partes.

CAPITULO IV

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1. Universo da Pesquisa

A busca por elementos válidos que fundamentassem a relação família e escola para o desenvolvimento da aprendizagem do educando foi realizada por meio de uma pesquisa exploratória qualitativa. A mesma foi realizada no período da manhã nos dias 10,11,12,13 e 14 de novembro de 2008 . Foram também feitas observações em reuniões de pais e mestres. Os referidos questionários continham sete questões destinadas aos gestores e nove questões destinadas aos pais relacionado ao tema proposto e estarão anexados ao fim deste trabalho.

Sua interpretação por meio de percentuais fornecendo uma base para melhor entender o assunto.

Pesquisar é à busca de novos conhecimentos, alargando a base do conhecimento. É a verificação sistemática, controlados , objetivos e rigorosos de hipóteses e teorias, com o objetivo final de explicar os fatos e /ou resolver problema.

A pesquisa foi realizada com gestores e pais de dez escolas da rede Municipal de Parnaíba, onde foram pesquisados cento e trinta e sete pais de um universo de mil trezentos e setenta e um alunos, onde os mesmos levaram questionários aos seus pais, aplicou-se também questionários com dez gestores.

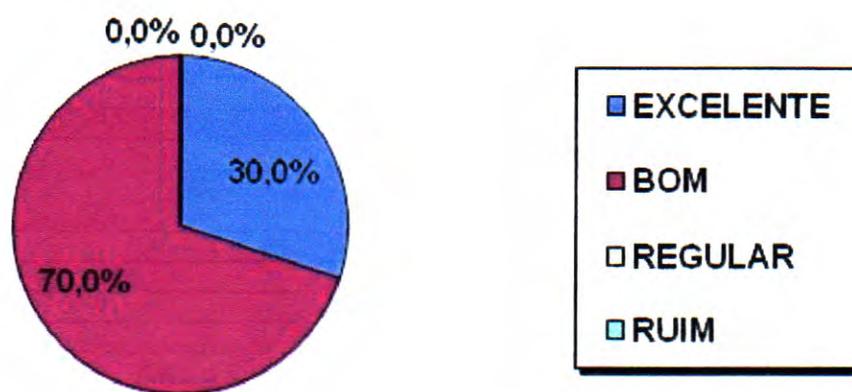
4.2. Análise e discussão dos dados

Iremos examinar os dados colocados através dos questionários realizados com gestores e pais de alunos, de modo a verificar o envolvimento dos mesmos para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do educando. Utilizando e fazendo uso também das informações adquiridas no decorrer das observações. Para a análise dos questionários optamos pela utilização de gráficos a fim de melhor representar as respostas dos gestores e pais dos educandos .

4.3. Análise das Questões Voltadas para os Gestores

GRAFICO I :

Questão 1: O envolvimento dos pais com a escola é?

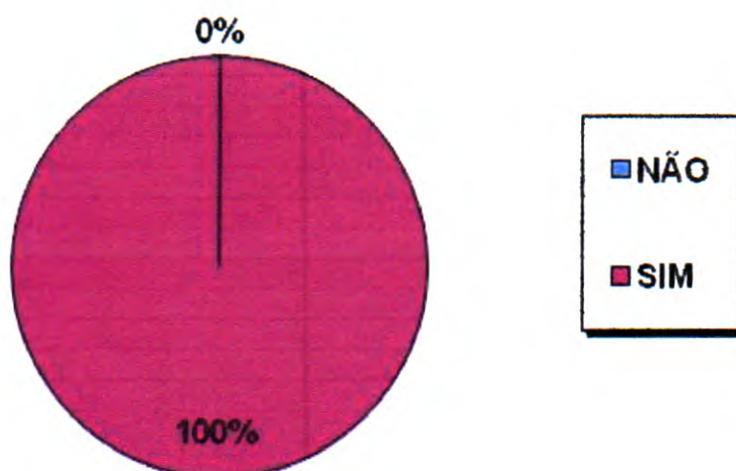


Fonte: Dados obtidos com base nas respostas do questionário

De acordo com a pesquisa realizada com os gestores 70% afirmaram que o envolvimento dos pais com a escola é bom e 30% que esse envolvimento é excelente e nenhum afirmou ser regular ou ruim. Nesse sentido a família e a escola formam uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir, objetivo esse que é o melhor desenvolvimento do educando/filho .

GRAFICO II

Questão 6: O acompanhamento dos pais influencia no rendimento escolar do aluno?



Fonte: Dados obtidos com base nas respostas do questionário

Diante da pesquisa realizada todos os gestores relataram que o acompanhamento dos pais influencia no rendimento escolar do aluno.

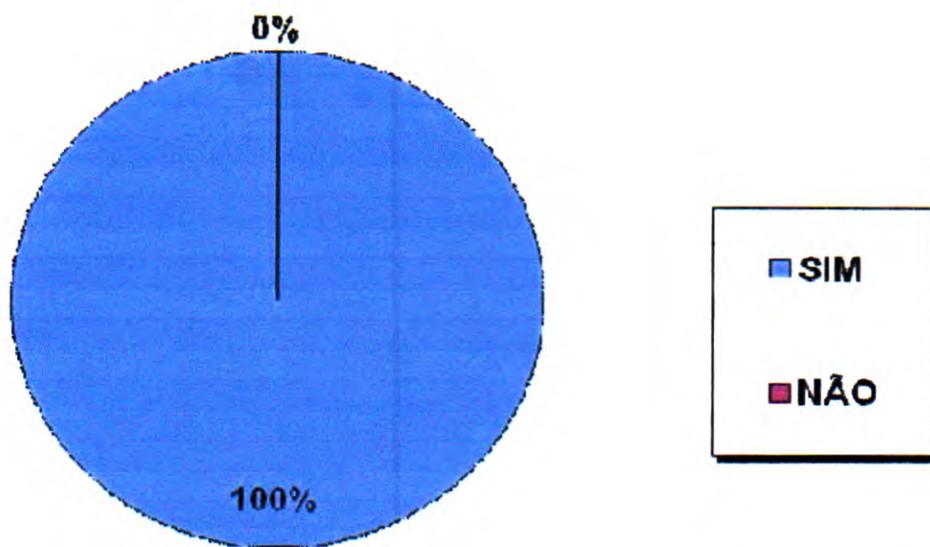
A importância de refletir o quanto a educação e os costumes transmitidos pela família, influenciam à conduta e o comportamento apresentado pelo indivíduo em qualquer local, independente da presença familiar.

Na escola não é diferente. Também nela, o aluno apresenta – ou não – os costumes e hábitos aprendidos e vivenciados no ambiente familiar.

O acompanhamento e a relação desenvolvida em família são indispensáveis para que o aluno se insira no ambiente escolar sem maiores problemas.

GRÁFICO III

Questão 5: É gradualmente construída uma relação de confiança mútua entre a equipe da escola e as famílias ?



Fonte: Dados obtidos com base nas respostas do questionário

Perguntados se era gradualmente construída uma relação de confiança mútua entre a equipe da escola e as famílias 100% dos gestores afirmaram que essa relação é construída.

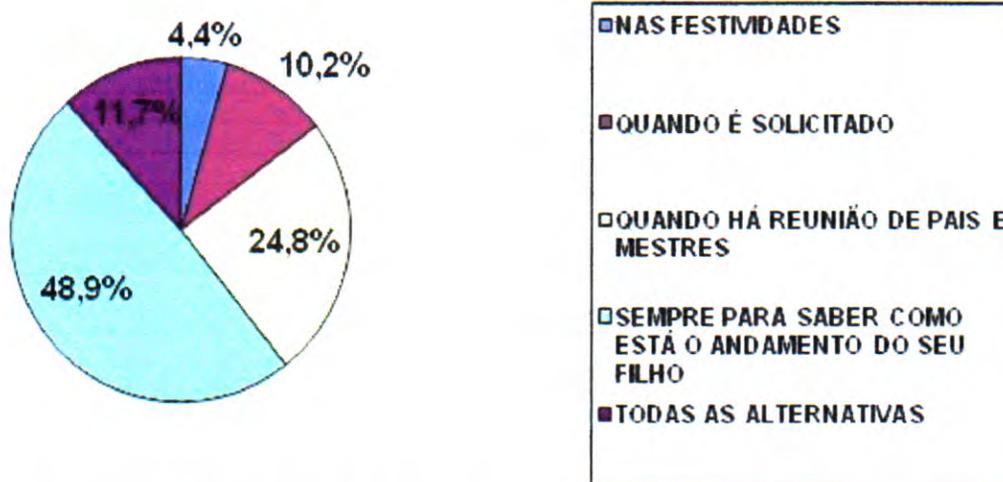
4. 4. Análise dos questionários voltados para os pais

Para esta pesquisa foram aplicados questionários com cento e trinta e sete pais. A pesquisa com os pais foi realizada por meio de questionários. Os pais foram perguntados quanto a sua relação com a escola.

Os pais foram concordes que a relação família e escola só tem a colaborar com o desenvolvimento da aprendizagem do educando. Embora essa relação não ocorra de forma efetiva.

GRAFICO IV

Questão 3: Você costuma visitar a escola do seu filho quando ?

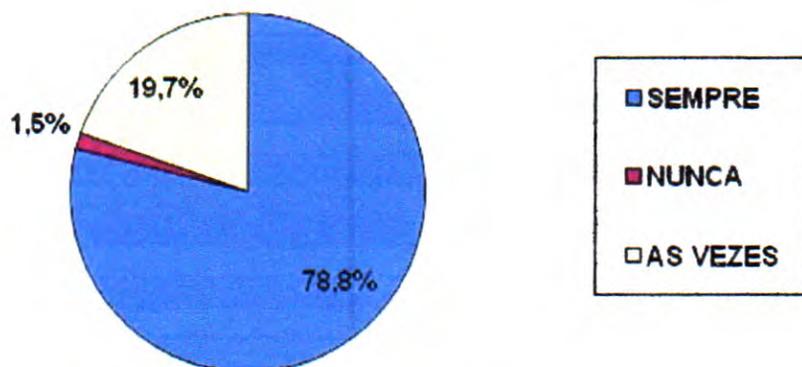


Fonte: Dados obtidos com base nas respostas do questionário

Diante da pesquisa realizada 48,9% dos pais vai sempre à escola para saber como está o andamento do seu filho; 24,8% visitam a escola quando há reuniões de pais e mestres; 11,6 % afirmaram esta presente em todos os momentos questionados; 10,2% vão apenas quando são solicitados e 4,5 % visitam a escola apenas nas festividades.

GRAFICO V

Questão 5: Você costuma manter dialogo com seu filho com relação ao dia-a-dia escolar?

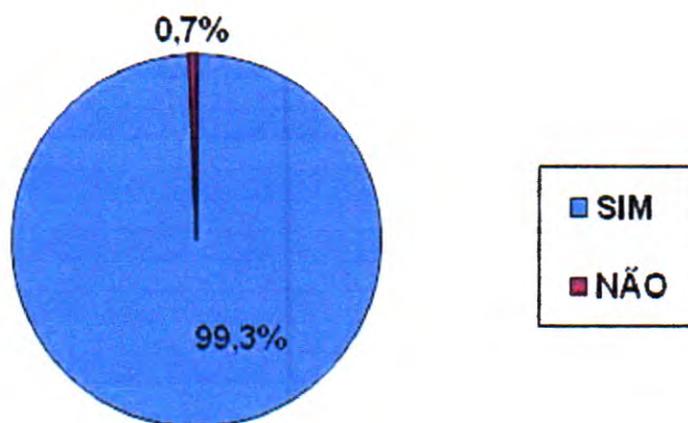


Fonte: Dados obtidos com base nas respostas do questionário.

Questionados se era mantido um dialogo com seus filhos com relação ao dia-a-dia escolar dos educandos, 78,8% dos pais responderam que sempre mantinham esse dialogo; 19,7% que as vezes esse dialogo era mantido e 1,5% nunca mantinha um dialogo com relação ao dia -a- dia escolar dos seus filhos.

GRAFICO VI

Questão 6) Você acha importante a participação da família na escola ?



FONTE: Dados obtidos com base nas respostas do questionário

Questionados da importância da participação da família na escola 99,2% afirmaram que esse é de fato importante; 0,8 % afirmaram que tal não é importante. Diante desse resultado observa-se que a relação ainda não é efetiva sendo necessário um maior estreitamento dessas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com intuito de não concluir por definitivo esta abordagem chega-se neste instante final do trabalho com resultados consistentes e satisfatórios, uma vez que se pôde efetivamente averiguar e descobrir que o diálogo entre a escola e a família colabora para o desenvolvimento holístico do indivíduo, formando um pilar de sustentação para sua formação contínua.

Para que haja o sucesso é necessário o estreitamento da família e escola, pois de um lado encontra-se o aluno desorientado, com um olhar perdido, às vezes agridem até mesmo “a própria sombra”, num sinal de revolta e alerta à condição familiar em que está inserido. A família se omite as responsabilidades deixaram de ser o centro de tudo e de todos, num mundo consumista e egoísta. Deixou de ser o melhor lugar em que o indivíduo pudesse retornar.

A família está num processo de constantes mudanças, tem a função biológica e reprodutiva, e em sua dimensão afetiva os filhos sofrem, tendo que conviver com a falta de orientação dos pais, ausência da mãe no lar, estando à família cada vez mais isolada na sociedade.

Na pesquisa realizada verificou-se que há um ponto comum observado nas crianças, ou seja, a falta de estrutura na família, e os problemas encontrados foram os mais diversos: convivência com o alcoolismo; pai que bate na mãe; ausência do pai ou da mãe, ou de ambos, por separação; questões de fanatismos religiosos; problemas de saúde em casa. Pôde-se observar que os problemas emocionais interferem na aprendizagem e indisciplina.

Esta amostragem reflete apenas uma parte do que se tem encontrado nas escolas. O fracasso escolar está aliado à falta de atenção e à dificuldade que uma criança abalada pelos acontecimentos diários, tem em se concentrar e muitas vezes o professor em sala de aula não é capaz de ser solidário e perceber que o aluno tem problemas, encaminham à direção e muitas vezes esbravejam na frente do aluno taxando o mesmo de preguiçoso ou desinteressado. O corpo docente carece, muitas vezes, de sensibilidade e tato na relação com o aluno, precisando desenvolver a sua capacidade de ouvir e ser afetivo. Afeto e atenção, na maioria das vezes, pode ser o “remédio” que o aluno precisa para poder esquecer por um instante o seu drama familiar e seguir em frente, abrindo perspectivas de uma vida melhor.

A falta de atenção na escola é um grande desafio, e para vencê-lo é necessário unir forças para amenizar um problema constante nas salas de aula. É fato que uma criança desamparada afetivamente vai apresentar reflexos comportamentais em algum lugar, em algum tempo, e na maioria dos casos isto ocorrerá no contexto escolar. Quando os sintomas apontam sofrimento no aluno, isto mostra que ele está precisando de atenção individual.

A escola e os professores devem investir na formação e auto-formação de profissionais competentes e solidários, capazes de amenizar ou solucionar os problemas da falta de atenção. Sabe-se da dificuldade em se mudar a estrutura familiar, mas muito se pode conseguir se o aluno puder sentir que na escola encontra um ambiente saudável e atencioso.

As crianças não podem se sentir abandonadas, elas precisam de exemplos e, sobretudo de afeto para a construção de uma vida melhor.

Por outro lado encontra-se a escola, tentando cumprir a sua função (orientar na construção do conhecimento), mas todas as vezes que o professor se depara com um aluno que está precisando de ajuda no aspecto emocional, encontra-se a falta de conhecimento sobre isso. Consideram mais fácil atribuir que o aluno “não tem jeito”, “... é da família tal”, A participação em cursos de atualização e aperfeiçoamento se torna difícil por falta de dinheiro ou tempo.

A pesquisa partiu das seguintes hipóteses: O diálogo entre a escola e a família colabora para o desenvolvimento holístico do indivíduo, formando um pilar de sustentação para sua formação contínua; A complementaridade da estreita relação entre a família e a escola, colabora para a permanência da criança na escola.; O sucesso escolar do educando, é o maior objetivo que se quer alcançar, com a participação da família e da escola. Através do estudo realizado constatou-se a confirmação de todas as hipóteses.

É imprescindível que a família e a escola deixem de ficar se culpando mutuamente e passem a refletir sobre sua função vital no desenvolvimento de indivíduos inteiros, adaptados ao ambiente, realizados e capazes de utilizar suas potencialidades de forma construtiva para a sociedade e, conseqüentemente, para o fortalecimento da família e da escola como instituições estruturadas e em permanente evolução.

Por tudo espera-se que trabalhos como esse contribuam de forma relevante para que família e escola possam perceber que se faz necessária à parceria, pois a família não pode viver sem a escola e a escola não pode viver sem a família. Uma depende da outra para alcançar seu objetivo que é fazer com que o educando /filho aprenda para ter um

futuro melhor e assim possa construir e ampliar seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. 4 ed; Brasília: Câmara dos deputados 2003.

CARVALHO, André. **Família**. Minas Gerais: Editora Lê, 1987.

CASEY, James. **A história da família**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

COLLANGE, Christiane. **Defina uma família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: McGrawhill, 1983.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

FREUD, Anna. **Infância normal e patológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1995.

KLEIN, Melanie. **Amor, ódio e reparação: as emoções básicas do homem, do ponto de vista psicanalítico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

MEDINA, Carlos Alberto. **Família e mudança**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

MENGOZZI, Frederico. **Família e escola uma relação de parceria**. Revista Família Cristã, São Paulo, 770, 04/08/2000.

MORAIS, Antonio Manoel Pamplona. **Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 1997.

MOULY, George J. **Psicologia educacional**. 8 ed. São Paulo: Pioneira, 1979.

NISKIER, A . **A importância da comunidade no processo educacional**. Revista Família Cristã, São Paulo, 770, 16/08/2000.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia escolar**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

POLITY, E. **Psicopedagogia: um enfoque sistêmico - terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: Empório do Livro, 1998.

PRADO, Danda. **O que é família ?** Brasília: Editora Brasiliense, 1991.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RIZZO, Sérgio. **E a família como vai ?** Revista Educação, São Paulo, 230: 32-38, junho-2000.

SOUZA, A . **Pensando a inibição intelectual.** São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 1995.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa.** 1ª ed. São Paulo: Gente, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para a apresentação de trabalhos.** 6 ed. v. 2,6,7,8.

WINNICOTT, D. **A criança e o seu mundo.** São Paulo: Gráfica Urupês; 1971.

ZAGURY, Tânia. **Educar sem culpa: a gênese da ética.** 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes.

_____. **Sem padecer no paraíso - em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos.** 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO II

1) Você freqüenta as reuniões de pais e mestres?

sim não as vezes

2) Você participa ou já participou de algum trabalho voluntário na escola de seu filho?

nunca participo já participei participo esporadicamente

participo sempre não tenho tempo

3) Você costuma visitar a escola do seu filho quando:

nas festividades quando é solicitado quando há reuniões de pais e mestres

sempre para saber como está o andamento do seu filho

4) Quais atividades você (pai, mãe ou responsável) pratica?

trabalha fora trabalha no lar faz estudos complementares

5) Você costuma manter o diálogo com seu filho com relação ao dia-a-dia escolar?

sempre nunca as vezes

6) Você acha importante a participação da família na escola?

sim não

7) Como você avalia o quadro técnico-administrativo da escola que seu filho estuda?

Ruim bom excelente

8) Você ajuda o seu filho(a)s nas tarefas da escola?

sim não as vezes não tenho tempo



9) Você procura a escola para participar de eventos além das reuniões?

sim não as vezes não tenho tempo